

Francisco de Mello Franco (1757-1822) na Ilustração Luso-Brasileira (1790-1821): reforma cultural e medicina-filosófica.

RICARDO CABRAL DE FREITAS

O trabalho, em fase inicial, propõe um estudo da trajetória intelectual do médico brasileiro Francisco de Mello Franco (1757-1822), aluno egresso da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra que participou ativamente das reformas ilustradas portuguesas ao publicar obras engajadas na transformação da realidade cultural lusitana por meio do conhecimento médico. Suas obras médicas não se limitam às referências filosóficas mais comuns da ilustração portuguesa, mostrando a aproximação do autor com debates médicos vitalistas, animistas e sensualistas. Ao longo dos setecentos, em diversos contextos europeus, tais visões médico-filosóficas contribuíram para redefinir concepções tradicionais sobre o físico e o moral humanos e articulavam uma retórica médica voltada para uma intervenção efetiva sobre o modo de vida dos indivíduos e da coletividade, em consonância com as orientações mais gerais da ilustração. No ambiente português, seus adeptos estiveram entre os homens de ciência que formularam propostas educacionais alternativas à formação jesuítica tradicional, comprometidas com a formação de súditos aptos para servir aos imperativos utilitaristas da estrutura econômico-administrativa do Estado reformado.

Nascido em Paracatu, Minas Gerais, Mello Franco era filho do português João de Mello Franco, um comerciante que fez fortuna na região através da mineração e da criação de gado (NUNES, 2011, p.71). Foi mais um dos tantos jovens originários de famílias da elite mineira enviados à Europa para dar continuidade a seus estudos, matriculando-se no curso de medicina da Universidade de Coimbra (MORAIS, 1940; PEDROSA, 1959; BOSCHI, 1991). Desde o início de sua trajetória intelectual, aproximou-se de referenciais ilustrados, em muitos momentos mostrando-se crítico dos caminhos tomados pelas reformas durante o governo D. Maria I. Ainda durante o curso universitário, foi acusado de herege, naturalista e dogmático pelo Santo Ofício em auto de fé de 1781 e condenado, após ser denunciado como defensor de proposições heréticas e sediciosas (VILLALTA, 1999, p.343-344; NUNES, 2011, p.72).

Sua passagem precoce pelo cárcere inquisitorial contrasta com sua posterior consagração como funcionário público e homem de ciência. Anos mais tarde, Mello Franco ocuparia cargos de destaque na Academia de Ciências de Lisboa, chegando a exercer função de vice-secretário, receberia título de Comendador da Ordem de Cristo e de Medico da Câmara Real, dentre outras honrarias. Após estabelecer-se como médico de prestígio em Lisboa, retornou ao Brasil como médico da princesa Leopoldina, em 1817, onde residiria até seu falecimento em 1822 (NUNES, 2011).

Parte de seu prestígio viria de seu reconhecimento como autor de obras médico-pedagógicas que, em consonância com o caráter utilitário e pragmático das reformas ilustradas (DIAS, 2005), preconizavam um modelo de atuação médica organizador da vida social, comprometido com o “cultivo” de cidadãos aptos a contribuir para a conservação e perpetuação do corpo social. Dentre elas, destaco: *Tratado da educação física dos meninos para uso da nação portuguesa* (1790) e *Elementos de Higiene ou dictames theoreticos, e practicos para conservar a saude e prolongar a vida* (1814).

No entanto, as nuances mais polêmicas de suas ideias circularam em forma de obras anônimas, boa parte delas objeto de debates acalorados em alguns círculos intelectuais e de grandes apreensões nos órgãos da censura régia (NUNES, 2011).

Dentre essas, podemos citar o poema satírico intitulado o *Reino da Estupidez*, que circulou em Coimbra em 1785, na qual debochava das contradições da ilustração durante do reinado mariano e do conservadorismo na Universidade de Coimbra nessa época (VILLALTA, 1999, p.135). Mais tarde, na *Medicina Theologica ou súplica humilde feita a todos os senhores Confessores e Directores sobre o modo de proceder com os seus penitentes na emenda dos peccados, principalmente da lascívia, cólera e bebedice* (1794), apoiava-se nas mais recentes discussões médicas de seu tempo para denunciar a ineficácia dos remédios morais aplicados pelos teólogos no combate aos pecados, elegendo o campo somático como a principal causa das paixões, razão pela qual a salvação da alma passaria a depender da saúde do corpo (SILVA, 2008, p.336).¹

¹ A obra foi inicialmente aprovada pela Real Mesa Censória, mas, em seguida, gerou grandes apreensões nos poderes públicos, por conta de seu conteúdo, supostamente antirreligioso, e foi sumariamente suprimida. Vale dizer que os desdobramentos em torno da publicação acabariam por contribuir para a dissolução da Real Mesa em 17 de dezembro de 1794 (BRAGA, 1898; VILLALTA, 1999, p.154-157).

Além desses dois textos, mais citados pela historiografia, também é atribuída a Mello Franco a autoria de outras duas obras, também anônimas e não menos polêmicas: *Resposta ao Filósofo Solitário* e *Resposta Segunda ao Filósofo Solitário*, as duas de 1787 (NUNES, 2011, p.4). Ambas motivadas pelo livro *O Filósofo Solitário*, que circulou em Portugal de forma também anônima entre 1786 e 1787. Esse texto, de inspiração rousseauiana, defendia que o filósofo deveria viver uma vida solitária para que, longe dos desvios da vida em sociedade, pudesse dedicar-se ao estudo das Artes e das Ciências (ARAÚJO, 2004). As duas respostas, supostamente escritas por Franco, contrariam a obra anônima, ao defenderem a vida em sociedade como condição essencial para o Homem e a primazia do conhecimento médico na garantia da conservação da saúde do corpo social (Ibid).

A maior parte de sua intervenção pública ocorreu em Lisboa e voltou-se para atividades médico-pedagógicas e higiênicas, num contexto de reordenação do campo intelectual lusitano. Nesse sentido, sua atuação tangencia aquela típica de vários outros membros da intelectualidade luso-brasileira que, aliados ao Estado, envolveram-se na criação de uma ampla rede de circulação de ideias e conhecimentos sobre o Império ultramarino português na segunda metade do século XVIII, com o objetivo de fornecer subsídios para a implementação de práticas produtivas que pudessem incrementar sua atividade comercial (DIAS, 2005; KURY, 2004; MAXWELL, 2002). No entanto, embora o Estado português fosse um dos principais incentivadores desse ambiente de produção e circulação de informações sobre o império, desde o período pombalino, há de se destacar que o aparato censório procurou estabelecer os limites ideológicos da reforma, de modo a garantir o não questionamento do poder e a legitimidade régia, o que ocasionou a perseguição de vários intelectuais ligados ao reformismo.²

A trajetória intelectual de Mello Franco é indissociável dessas questões que permeavam o cotidiano de grande parte dos homens de ciência de seu tempo. Contudo, apesar de ser autor muito citado pela historiografia, por conta de sua passagem pelo

² Sobre as relações da elite ilustrada com a censura e o Santo Ofício, ver: VILALTA, 1999; SCHWARTZ, 2009.

tribunal inquisitorial e pela publicação de obras apócrifas polêmicas, sua atividade enquanto produtor de obras médicas ligadas ao ambiente intelectual das reformas ainda foi pouco estudada.

No que diz respeito ao campo médico, é fato conhecido da historiografia que ao longo dos setecentos, sobretudo após a segunda metade do século, o campo cultural português foi marcado pela proliferação de ampla literatura médico-pedagógica, voltada para um público não treinado nos princípios da medicina acadêmica (ABREU, 2011; FURTADO, 2011). Em consonância com as orientações reformistas, essa literatura mostrava-se empenhada em ampliar o escopo da atuação médica, colocando-a na dianteira da formulação de um discurso higiênico e pedagógico que pudesse garantir a formação de cidadãos moral e fisicamente aptos para atuar segundo as necessidades do Estado reformado. Dentre as obras que bem traduzem esse estado de coisas podemos citar o *Verdadeiro método de estudar* (1746) de Luis Antonio Verney, *Tratado da conservação da saúde dos povos* (1756) de Antonio Ribeiro Sanches, *Compêndio dos segredos medicinais ou remédios curvianos que inventou e compôs o doutor João Curvo Semedo* (1783) de João Curvo Semedo. A própria publicação da *Farmacopéia Geral para o Reino e os dominós de Portugal* (1794) já significou um esforço régio para coibir práticas médicas que pudessem pôr em risco a vida dos vassalos (ABREU, 2011, p.122).

Ao publicar suas obras, Mello Franco procurou intervir de forma direta nesse contexto, mas as referências médicas que mobiliza não parecem figurar entre os demais ilustrados portugueses. Suas obras apontam um diálogo com correntes médicas que, em outros contextos ilustrados da época, reivindicavam uma revisão das concepções sobre a natureza humana originadas na literatura médico-filosófica que tornara possível o desenvolvimento e a larga difusão do olhar médico sobre o comportamento transgressor. Mais especificamente, pode-se dizer que esses estudos são marcados pela revisão da cisão corpo/alma, preconizada pela tradição cartesiana, em favor de uma perspectiva calcada na dualidade entre a matéria orgânica (matéria viva) e a matéria inorgânica (matéria inanimada), com a distinção fundamental de que a matéria viva seria dotada de *sensibilidade*, essa, entendida como a origem da condição física e moral

dos indivíduos, uma vez que ela seria responsável tanto pelo movimento do corpo quanto pelas manifestações do ânimo (REY, 1993, p.120).

Com maior ênfase na segunda metade do século, essas discussões acabariam por gerar uma profusão de discursos sobre as paixões e as emoções, comprometidas em desvendar quais estruturas, materiais ou imateriais, seriam responsáveis pelas sensações e como elas poderiam alterar o estado geral do organismo³.

Com expressão maior entre os círculos médicos vitalistas, animistas e sensualistas, tais propostas fundamentaram diversos modelos de reforma social que extrapolavam os limites jurisdicionais tradicionalmente impostos à medicina. No campo médico ilustrado português, a principal obra orientada por esses referenciais que encontramos foi a *Dissertação sobre as paixões da alma*, escrita pelo médico Antonio Ribeiro Sanches em 1753, e tema de minha dissertação de mestrado (FREITAS, 2012). De forma semelhante à *Medicina Theologica*, de Mello Franco, Sanches se apropria desses referenciais para reivindicar a primazia do conhecimento médico sobre o discurso teológico e jurídico no que diz respeito ao estudo da alma humana (SANCHES, 2003 [1753]). Ambas as obras formulam sua proposta através de uma psicofisiologia das paixões fundamentada numa concepção de natureza humana que subentende uma relação recíproca entre os domínios da alma e do corpo, e sugerem uma terapêutica alternativa aos remédios morais aplicados pelos teólogos, denunciando sua ineficácia⁴.

Foram essas constatações, feitas ainda na minha pesquisa de mestrado, que me levaram a uma investigação mais efetiva das obras de Francisco de Mello Franco. Quais teriam sido os desdobramentos dessas concepções na trajetória desse personagem da ilustração portuguesa, ao mesmo tempo tão citado e tão pouco estudado? Diante dessa indagação, ao realizar uma análise mais efetiva das obras do médico mineiro, pude perceber que essas concepções permaneceram presentes nas propostas que ele direcionou à sociedade portuguesa em diversos momentos de sua trajetória.

³ Sobre os discursos sobre as paixões e as emoções no setecentos, ver: ROUSSEAU, 1993. p. 287-364.

⁴ As semelhanças argumentativas entre as duas obras são analisadas em EDLER; FREITAS, 2011.

Algumas décadas antes, Ribeiro Sanches definiria esse mesmo modelo de atuação médica como uma “medicina política” em seu *Tratado da conservação da saúde dos Povos* (1756) (FREITAS, 2012), obra cujo valor não passou despercebido aos olhos de Franco quando a aponta como livro “mui digno de ser lido, mas hoje raro; e ainda mais raro será haver quem se dê à sua lição” (MELLO FRANCO, 1814, p.11).

Seguindo essas orientações, no *Tratado da educação física dos meninos para uso da nação portuguesa* (1790), Mello Franco reivindica a necessidade de uma completa reorientação da pedagogia tradicional do reino, como forma de superar o suposto “atrasamento” que o assolava. O autor enxerga como causas desse estado de coisas “o luxo, a indolência, liberdade, ou perversidade de costumes, [a] moda abusiva de diferentes bebidas, falta de simplicidade nos comeres” (MELLO FRANCO, 1790, p.07). Segundo afirma, essas perversões estariam inscritas no próprio costume familiar lusitano, reivindicando a atenção governamental para a questão:

“Esta origem da depravação, e da degeneração da espécie humana merece toda a atenção do Ministerio; porque tem vassallos, e vassallos robustos, o Estado necessariamente virá a ficar como paralytico sem forças, sem energia, e tendendo cada dia para a sua inteira ruína. Sem gente robusta nem a agricultura, nem as artes, nem as sciencias poderão dar passo; e ella só pode se formar por meio da educação fysica dirigida pelos dictames da natureza.” (Ibid., p.06)

Como aponta Marina Massimi, nota-se a ênfase num modelo de educação sensorial baseado na concepção de que a condição espiritual e moral do indivíduo é correlato de sua organização física (MASSIMI, 1998, p.85). É essa dimensão que está na base da pedagogia proposta por nosso personagem.

Em *Elementos de Higiene ou dictames theoreticos, e practicos para conservar a saude e prolongar a vida* (1814), esse caráter fica ainda mais claro. Mello Franco afirma que o homem, considerado fisicamente, é o ser mais “desgraçado na escala de todos os entes **sensitivos**” (MELLO FRANCO, 1814, p.01). Nasce sem qualquer proteção contra

os fenômenos naturais, além de estar sujeito a inúmeras moléstias e à intemperança de seus apetites e paixões. No entanto, a natureza, “que em tudo é illimitadamente sabia”, equilibrou as fraquezas do homem ao dotá-lo com a **razão**. É ela que faz do homem ser soberano entre as criaturas, apesar de sua fraqueza física. Contudo, em consonância com os postulados do empirismo lockeano, o autor afirma que essa mesma razão deveria ser devidamente conduzida pela correta educação dos sentidos. Daí o papel de destaque atribuído ao conhecimento médico na orientação desse processo.

Nessa perspectiva, a saúde do indivíduo passa a ser vista como resultado de um equilíbrio entre aspectos de sua constituição interna (sexo, idade, tipo temperamento, alimentação, conduta moral) e externa (clima, lugar onde nasceu, lugar onde vive), sem estabelecer limites claros entre um domínio e outro. Assim, a saúde é entendida como o resultado de uma relação equilibrada entre as diversas variáveis que conformam a condição física e moral dos indivíduos. Desse modo, o médico exerce seu papel de terapeuta como uma espécie de mediador entre as forças vitais e os elementos físicos envolventes (WILLIAMS, 1994).

Logo no primeiro parágrafo dos *Elementos de Higiene*, Mello Franco se aproxima dos postulados vitalistas⁵ ao afirmar que todos os corpos vivos são dotados de força vital: “Esta força vital, quando certas causas, e circunstâncias a põe em acção, os faz nascer, e crescer até seu estado de perfeição; mas diminuindo depois progressivamente, chega a extinguir-se; e à sua extinção chamamos morte” (MELLO FRANCO, 1814. p.01). O longo livro de 358 páginas é dividido em 6 capítulos, que cobrem assuntos diversos relacionados ao desenvolvimento e funcionamento do corpo humano a partir desse enquadramento. Ao enfatizar as faculdades sensíveis da fisiologia humana, Mello Franco se aproxima ao discurso da *Science de l’Homme* e insiste num entendimento holístico da natureza humana, que recusa a subordinação do conhecimento médico aos domínios exclusivos do corpo:

⁵Contrapondo-se à passividade imposta à matéria orgânica, implícita à fisiologia mecanicista, os vitalistas elegem a “força vital” como o elemento responsável pela regulação das interações simbióticas entre os vários órgãos que compõem os organismos vivos. WILLIAMS, 1994, p.29-41.

“todos os corpos que tem acção sobre o homem, são capazes de modificar seu estado moral, por exemplo, o clima, segundo seu gráo de temperatura; os alimentos, e as bebidas (...) porque tudo isto muda as disposições, e hábitos dos nossos órgãos; e esta mudança vai influir no estado moral, da mesma sorte que dissemos, succedia, quando algum systema de órgãos era morbosamente atacado.” (Ibid., p.314)

Sobretudo na França e na Escócia da segunda metade do século XVIII, essas concepções levaram à formulação de uma terapêutica individualizada, contraposta aos postulados universalistas da iatromecânica, encarnadas na chamada *Science de l’Homme* ou *Medicina Antropológica*.⁶ Elizabeth Williams mostra como o grupo dos *idéologues* franceses participaram dos debates revolucionários na década de 1790 na tentativa de redefinir o escopo jurisdicional da medicina na França pós-revolução a partir dessa perspectiva (WILLIAMS, 1994). Já no contexto de Edimburgo, Catherine Packham ocupa-se das diversas apropriações que esse vocabulário médico teve no campo da cultura, literatura e política escocesas. A autora mostra a disputa entre concepções de inspiração vitalista e mecanicista nos escritos de economia de personagens como David Hume e Adam Smith, entre outros (PACKHAM, 2012).

No caso português, pelo que pudemos investigar até o momento, tais idéias estavam sendo apropriadas como fundamento de contestação das instituições tradicionais, sobretudo a Igreja e o Direito. A medicina, em Mello Franco, aparece como o conhecimento apto a desvendar os meandros da natureza humana e produzir discurso legítimo sobre o comportamento dos indivíduos, o que criava tensões com a sermonística cristã e com os debates jurídicos sobre culpabilidade penal. Mais do que isso, ela é reivindicada como autoridade indispensável para garantir o “cultivo” de cidadãos adequados às necessidades do Estado português. Tais debates se inserem num processo mais amplo de secularização dos discursos sobre o comportamento humano

⁶ A retórica da *Science de l’Homme* insistia que a fisiologia - ou economia animal - e a análise das ideias e das faculdades morais eram ramificações deveriam ser uma mesma ciência. WILLIAMS, 1994.; PACKHAM, 2012.

nesse período, e apontam na direção das diversas configurações que elas viriam a tomar no século XIX, sobretudo em torno dos problemas relativos à natureza da mente, da sensibilidade e das paixões; o papel dos médicos na sociedade; as possibilidades do aperfeiçoamento higiênico da sociedade. Em outras palavras, eles estabelecem, no contexto português, as bases do modelo de atuação médica sobre o comportamento que se consolidaria nas diversas especialidades médicas que surgiriam na primeira metade do século seguinte, dentre elas o higienismo, o alienismo, a medicina legal, dentre outros.

Desse modo, o estudo das propostas de reforma do ambiente cultural luso formuladas por Mello Franco a partir desses referenciais pode trazer à luz não apenas aspectos ainda pouco explorados de sua formação e pensamento, mas também servir como indicativo de que em Portugal, assim como em outros contextos ilustrados europeus, essas concepções médicas fundamentaram reivindicações por uma jurisdição médica renovada que, no lugar dos discursos tradicionais, propunha-se definidora dos padrões de conduta física e moral aceitáveis.⁷ Assim, uma investigação dos meios pelos quais Franco se apropriou desses referenciais e os articulou com questões que permeavam o ambiente intelectual luso-brasileiro da época, pode trazer novas perspectivas sobre como essa intelectualidade ilustrada tomava conhecimento de ideias e debates ocorridos fora de Portugal e, de forma crítica, os traduziam para sua realidade.

Referências bibliográficas:

- ABREU, Jean Luiz Neves. **Nos domínios do corpo: o saber medico luso-brasileiro no século XVIII**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011
- _____. A educação física e moral dos corpos: Francisco de Mello Franco e a medicina luso-brasileira em fins do século XVIII. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS. n. 2. p. 65-84, dez. 2006. v. 32.
- _____. As práticas científicas no contexto luso-brasileiro do século XVIII: trajetórias individuais e redes de sociabilidade na historiografia. In.: OLIVEIRA, Braga; et. al. (orgs.). **Cadernos de resumos & Anais do 5º Seminário Nacional de**

⁷ Sobre isso, já mencionamos os desdobramentos da *Medicina Antropológica* ou *Ciência do Homem* na França e na Escócia nesse mesmo período. WILLIAMS, 1994.; PACKHAM, 2012.

- História da Historiografia:** biografia & história intelectual. Ouro Preto: EdUFOP, 2011
- ARAÚJO, Ana Cristina. O Filósofo Solitário e a esfera pública das Luzes. In.: **Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.
- BOSCHI, Caio. A Universidade de Coimbra e a formação das elites mineiras coloniais. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.4, n.7, 1991, p.100-111.
- BRAGA, Teófilo. **Historia da Universidade de Coimbra**. 1898. v. 3.
- CARVALHO, Flávio Rey de. **Um iluminismo português? A reforma da universidade de Coimbra (1772)**. São Paulo: Annablume, 2008.
- CAVALCANTE, Berenice. Os 'letrados' da sociedade colonial; as academias e a cultura do iluminismo no final do século XVIII. **Acervo- Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro: Jan/dez., 1995, p.53-66.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.
- _____. **Origens culturais da Revolução Francesa**. São Paulo: Unesp. 2009.
- DARNTON, Robert. **El beso de Lamourette. Reflexiones sobre historia cultural**, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2010.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Aspectos da Ilustração no Brasil In: **A Interiorização da Metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda, 2005.
- EDLER, Flavio Coelho; FREITAS, Ricardo Cabral de. Corpo e Alma: o discurso antropológico português na segunda metade do setecentos. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, 2011, São Paulo.
- FIGUEIRÔA, Silvia. A propósito dos estudos biográficos na história das ciências e das tecnologias. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v.4, n.3, p.1-144, jul-set, 2007.
- FREITAS, Ricardo Cabral de. **O físico e o moral na Dissertação sobre as paixões da alma (1753) de Antonio Ribeiro Sanches (1699-1783)**. Dissertação de mestrado apresentada à Casa de Oswaldo Cruz na Fiocruz. Rio de Janeiro, 2012.
- FURTADO, Júnia Ferreira. A Medicina na época moderna. In.: STARLING, Heloisa Maria Murgel; GERMANO, Lígia Beatriz de Paula; MARQUES, Rita de Cássia (org). **Medicina: história em exame**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 21-82.
- HAZARD, Paul. **La crise de la conscience européenne (1680-1715)**. Paris : Fayard, 2009.
- KURY, Lorelai Brilhante. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). **Revista Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.11, p.109-129, 2004.
- _____; MUNTEAL FILHO, Oswaldo. Cultura científica e sociabilidade intelectual no Brasil setecentista: um estudo acerca da Sociedade Literária do Rio de Janeiro. **Arquivo Nacional Revista Acervo**, v.8, n.1/2, jan/dez. 1995, pp. 105-123.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. Escola de homens de ciências: a Academia Científica do Rio de Janeiro. **Educar**, Curitiba, n.25, p.39-57, 2005.
- MASSIMI, Marina. As idéias psicológicas de Francisco Mello Franco, médico e iluminista brasileiro. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v.7, n.1, pp. 83-90., 1991.

- MAXWELL, Kenneth. A geração de 1790 e a idéia do império luso-brasileiro. In: **Chocolate, piratas e outros malandros: Ensaio Tropicais**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- Medicina Theologica ou súplica humilde feita a todos os senhores Confessores e Directores sobre o modo de proceder com os seus penitentes na emenda dos peccados, principalmente da lascívia, cólera e bebedice**. Lisboa: Officina Antonio Galhardo, 1794.
- MELLO FRANCO, Francisco de. **Elementos de higiene ou Ditames teóricos e práticos para conservar a saúde e conservar a vida**. Lisboa: Academia Real de Ciências, 1814., p.11.
- _____. **Tratado de educação fysica dos meninos para uso da nação Portuguesa**. Lisboa: [s.n.], 1790. p.7
- MORAIS, Francisco. Estudantes brasileiros em Coimbra 1772-1872. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, n. 62, 1940, p.174;
- MUNTEAL FILHO, Oswaldo. Todo um mundo a reformar: intelectuais, cultura ilustrada e estabelecimentos científicos em Portugal e no Brasil, 1779-1808. **Anais do Museu Histórico Nacional**, 29, pp.87-108.
- NUNES, Rossana. **Nas sombras da libertinagem: Francisco de Mello Franco (1757-1822) entre luzes e censura no mundo luso-brasileiro**. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- OUTRAM, Dorinda. **The Elightenment**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- PACKHAM, Catherine. **Eighteenth Century Vitalism: bodies, culture, politics**. London: Palgrave, 2012.
- PEDROSA, Manuel Xavier de Vasconcelos. Estudantes brasileiros na Faculdade de Medicina de Montpellier no fim do século XVIII. **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, n.253, abril-junho, 1959, PP-35-71;
- Reino da Estupidez**. Lisboa: Officina de A. Bobée, 1818.
- REY, Roseline. Hygiène et souci de soi dans la pensée médicale des Lumières. In.: **Communications.**, n.56., p.25-39, 1993.
- ROUSSEAU, Georges. Para uma semiótica do nervo: a história social da linguagem em novo tom. In.: PORTER, Roy; BURKE, Peter (org). **Linguagem, indivíduo e sociedade**. São Paulo: Unesp, 1993. p. 287-364.
- SANCHES, Antonio Ribeiro. **Dissertação sobre as paixões da Alma**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003 [1753].
- SILVA, Ana Rosa Clochet da. **Inventando a Nação**. Intelectuais Ilustrados e Estadistas luso-brasileiros na crise do Antigo Regime Português: 1750-1822. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 2000.,
- SILVA, Paulo José Carvalho da. A psicopatologia entre a alma e os nervos: a *Medicina Theologica (1784)* de Francisco de Melo Franco. **Filosofia e História da Biologia**, v.3, pp. 335-345, 2008., p.336.

VILALTA, Luiz Carlos. **Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa**. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

WILLIAMS, Elizabeth A. **The physical and the moral: Anthropology, physiology, and philosophical medicine in France, 1750-1850**. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.